



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Produto Educacional: Plano de Ensino para a disciplina de Didática Geral

Simone da Cunha Farias

Orientadora:

Profa. Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca

Pelotas

2020

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Inquietações sobre os efeitos de um artefato cultural na docência: pontos a explorar nas atividades formativas	8
3. Produto Técnico Tecnológico	14
4. Referências	19

1. Introdução

Este produto educacional decorre dos resultados da dissertação de mestrado intitulada **A seção QUESTÃO DE ENSINO da Revista Nova Escola: perguntas e respostas produzindo o fazer docente** (FARIAS, 2018), que desenvolvi no Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense.

Na dissertação elaborei a análise sobre os modos como artefatos culturais midiáticos, que abordam a escola e o trabalho docente, contribuem para produzir e publicizar determinados discursos educacionais que produzem o fazer docente. Para fazer isso analisei a seção Questão de Ensino, nas edições publicadas entre março de 2015 e março de 2016, construída a partir de perguntas enviadas por professores/as leitores/as que foram respondidas por uma especialista em Educação.

A possibilidade de desenvolver tal trabalho adveio dos Estudos Culturais na sua vertente pós-estruturalista. A partir desse Campo de estudos passei a “estranhar” algumas chamadas que a revista apresentava e que antes me pareciam tão naturais e inquestionáveis. Passei a atentar para os modos como os artefatos da mídia participavam da minha inserção em discursos educacionais e que tal inserção não acontecem sem que se produzissem efeitos importantes sobre os modos como eu me constituía no campo da docência.

A revista Nova Escola, que focalizei na dissertação, aciona diferentes discursos educacionais ao apresentar histórias de sucessos de alunos, professores e gestores, buscando auxiliar professores/as de todas as disciplinas escolares em suas atividades. A dissertação, portanto, objetivou olhar para a revista Nova Escola com o intuito de analisar os discursos educacionais que produzem o fazer docente a partir da seção QUESTÃO DE ENSINO.

Cabe aqui indicar que a revista Nova Escola, publicada pela Editora Abril juntamente com a fundação Victor Civita, desde março de 1986¹, tornou-se muito conhecida por ter sido distribuída gratuitamente nas escolas de todo o país em

¹ Fundação Victor Civita. Disponível em: < <http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml#prettyPhoto> > Acesso em: 10 fev. 2017.

decorrência de uma parceria entre a Fundação Victor Civita com o Ministério da Educação. Naquele momento a revista se colocou como uma publicação que tem como objetivo

Fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho de seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e propiciar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º grau.²

Com esse objetivo, a revista se coloca como meio para que as professoras brasileiras qualifiquem sua atuação profissional e sejam valorizadas pela comunidade escolar, conectando sua atividade com as mudanças que ocorrem no país. O que torna necessário registrar que a revista aciona um discurso que atribui à escola e às professoras a responsabilidade pelo enfrentamento das situações que envolvem a escolar, posicionando as mulheres, em especial, como “naturalmente” voltadas para a ação docente.

Porém, a distribuição da revista Nova Escola deixou de acontecer nos mesmos moldes ao longo do tempo. Durante os mais de trinta anos de existência a revista sofreu reformulações editoriais, passando a ser veiculada nas versões impressas e digital. No formato digital a revista apresenta duas versões, uma versão que apresenta as reportagens na íntegra e a outra criada para o site de mídia social *Facebook* onde são publicizados resumos de alguns dos seus textos.

A partir do ano 2015 a Revista Nova Escola passou a ser editada pela Associação Nova Escola, mantida pela fundação Lemann constituindo-se como uma organização familiar sem fins lucrativos que visa desenvolver e apoiar projetos inovadores em educação e realizar pesquisas para embasar políticas públicas no setor³. Essa mudança levou a Nova Escola a ser orientada por um

² Fundação Victor Civita. Disponível em: < <http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml#prettyPhoto> > Acesso em: 10 fev. 2017.

³ Fundação Lemann. Disponível em: < <http://www.fundacaolemann.org.br/quem-somos/> > Acesso em: 10. Fev. 2017.

novo objetivo que é “transformar a Educação brasileira por meio de conteúdos e serviços de alta qualidade para professores e gestores do Brasil”⁴. Dessa forma, a Revista Nova Escola vem, por diferentes vias, colocando-se como elemento capaz de acionar discursos relacionados com uma problemática instituída pelos arquitetos do iluminismo (VEIGA-NETO, 2000), a saber, a educação escolar e o fazer docente.

Essas últimas mudanças editoriais da revista Nova Escola ocorreram juntamente com uma mudança de veiculação do periódico, destinado apenas para assinantes em uma versão completa - impressa ou digital. Neste formato, a revista tem mantido 10 ou 11 publicações anuais além de um banco de dados com sugestões de planos de aulas, jogos e vídeos relacionados à todas as disciplinas oferecidas na educação básica.

Observando as edições produzidas desde 2015 é possível indicar que as reportagens abordam temáticas relativas às práticas educacionais escolares focalizando, em especial, a Educação Infantil e do Ensino Fundamental tanto no que diz respeito ao trabalho em sala de aula quanto às atividades de gestão. Dessa forma, a revista tem apresentado exemplos do que considera boas práticas de sala de aula e de administração escolar, bem como entrevistas com especialistas, discussões sobre política educacional e interlocução com professores. A presença de especialistas em diferentes temáticas da educação nas reportagens da revista tem sido uma das estratégias que auxiliam a fazer funcionar discursos que circulam nas sociedades ocidentais modernas, considerando que tais discursos são “[...] tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda a sua positividade” (VEIGA-NETO, 2005, p. 52).

Assim naturaliza-se a ideia de que é necessário que os/as educadores/as busquem orientar seu trabalho profissional a partir de histórias de sucesso e indicações de especialistas tidas como diferentes, motivadoras, criativas e que, principalmente, não são associados ao que é referido como educação tradicional. Como indicou Silveira (2008, p. 99) professores/as “[...] vêm sendo atravessador por inúmeros discursos contemporâneos sobre práticas

⁴ Revista Nova Escola. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/quem-somos> > Acesso em: 10 fev. 2017.

pedagógicas” em textos culturais que são tomados como materiais didáticos. Assim, tais discursos são acionados para justificar tentativas de tornar o ensino mais interessante e significativo, envolvendo propostas educativas que investem, muitas vezes, quase exclusivamente em reformular a prática docente.

Em diferentes situações artefatos culturais como revistas, jornais, programas de TV, músicas, etc, são deslocados de suas proposições originais e ressignificados como práticas pedagógicas sem considerar elementos, também relevantes sobre os efeitos que um artefato cultural produz, comentou Silveira (2008).

Para além da possibilidade de uma contribuição no aprendizado de um conteúdo acadêmico, artefatos culturais tais como a revista Nova Escola também produzem efeitos sobre o modo como se entende a função da escola, sobre como ser aluno, sobre a necessidade da existência da educação escolarizada e, também, sobre a atividade docente.

Enfim, a discussão decorrente da análise da seção Questão de Ensino da revista Nova Escola ajudou a configurar a necessidade de conferir atenção aos modos como a mídia participa da constituição do fazer docente. Um propósito que pode ser abordado na formação inicial e, também, na formação continuada de docentes. Por esse motivo, apresento aqui uma proposta de Plano de Ensino para a disciplina de Didática Geral, recorrente na formação inicial de docentes de várias áreas, que contempla a discussão sobre os modos como a mídia tem sido partícipe da constituição dos docentes brasileiros.

O Plano de Ensino construído apresenta como seu objetivo geral caracterizar e problematizar a inserção de diferentes perspectivas pedagógicas na educação brasileira a partir dos modos como o ser docente e a atividade docente são discursivamente constituídos pela mídia.

Uma disciplina construída a partir de tal objetivo tem como potencial não apenas inserir futuros docentes nos debates educacionais que pautam sua atividade profissional como tem sido praticado em muitos cursos. A abordagem permite, também, compreender que os modos como eles/as mesmos se constituem como professores/as tem relação não apenas com os discursos educacionais mais valorizados no campo da Educação. Tem relação importante,

também, com o que a mídia tem feito repercutir na sociedade sobre o que seja ser professor/a.

2. Inquietações sobre os efeitos de um artefato cultural na docência: pontos a explorar nas atividades formativas

Assim como aconteceu com a pesquisa desenvolvida e referida acima, a produção de um produto educacional não está desconectada das inquietações que estiveram, e continuam presentes no meu percurso acadêmico. Essas inquietações dizem respeito a compreensões sobre educação que estão implicadas com determinados modelos educadores e de educadoras. A interlocução com artefatos culturais midiáticos que abordam a escola e o trabalho docente sempre me trouxeram algumas indagações: Como criar estratégias para aulas criativas? Como motivar os/as alunos/as a serem mais participativos no processo de aprendizagem? Que temáticas poderiam contribuir para a construção de um sujeito, crítico, criativo e reflexivo?

Tais reflexões possibilitam atentar para os modos como os textos da mídia perpassam a formação profissional docente. A mídia presente em nosso cotidiano “[...] nos ensina modos de ser, pensar estar e agir; divulga conhecimentos sobre nós mesmos e as outras pessoas; demonstra valores, normas e procedimentos a serem adotados em nosso cotidiano” (PARÁISO, 2007, p.24). A mídia produz, entre outras coisas, o nosso fazer docente quando aciona estratégias de uma pedagogia cultural voltada para o campo da Educação.

Podem ocorrer processos educativos em diferentes espaços que não apenas aqueles restritos às instituições onde, historicamente, foram estabelecidas as ações de educar, tais como a escola, a família e a igreja. Esse argumento auxilia mostrar que os indivíduos contemporâneos podem se constituir em múltiplas relações existentes e em diferentes espaços educativos. Pois, o que se processa nos mais diferentes lugares tem implicações “[...] tanto nas formas como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca, como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas” (COSTA, ANDRADE, 2013, p. 2).

Como argumentam Giroux e McLaren (1995, p.144), “[...] existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades”. Ou ainda, as discussões sobre as pedagogias culturais ampliam a abrangência dos debates sobre Educação para abarcar o que se dá em diferentes espaços considerando-os como produtores de saberes, como formadores e constituintes de sujeitos, ou seja, como locais onde o poder é organizado e difundido. Entre esses locais podemos citar as bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc. (WORTMANN, COSTA, SILVEIRA, 2015). Por esse motivo Silva (2000, p.89) descreve como pedagogia cultural “[...] qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido - em conexão com relações de poder - no processo de transmissão de atitudes e valores”.

Como Fischer (1997, p. 61) esclarece que

[...] diversas modalidades enunciativas (tipos e gêneros específicos de enunciação audiovisual) dos diferentes meios e os produtos de comunicação e informação – televisão, jornal, revistas, peças publicitárias -, parecem afirmar em nosso tempo o estatuto da mídia não só como veiculadora mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo desse jeito uma função nitidamente pedagógica.

Tais indicações permitem atentar para a questão de que os meios dominantes de informação e entretenimento contribuem “[...] para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar- e o que não” (KELLNER, 2001, p. 10). Existe, portanto, uma propagação e pluralização das pedagogias que constituem diferentes modos de captura dos indivíduos em função de recorrerem a “[...] um refinamento das artes de governar, regular e conduzir sujeitos” (COSTA e ANDRADE, 2013, p.2). Portanto,

[...] que, quando empregamos adjetivos que aprovam uma ação (ou o sujeito desta), tudo que fazemos é relacioná-la à observância dos valores de uma época, de um território, de uma cultura. A educação consiste exatamente nisso, na criação de sujeitos bem operantes em

seu tempo e circunstância os quais, então, qualificaremos graciosamente (GOMES, 2003, p.34).

Desde modo, a revista Nova Escola pode ser compreendida como um artefato cultural midiático que produz, regula e conduz a conduta de sujeitos escolares, em especial dos docentes, inseridos em saberes/poderes aceitos e validados.

Gomes (2003) aponta que há uma recorrência na forma como certas palavras aparecem na mídia. Tal comentário ajuda a mostrar como as mídias criam se valem recorrência das palavras em situações muito diversas como estratégia para produzir o pensar, o ser e o fazer de cada indivíduo. Ou ainda, a mídia instaura um regime de visibilidade que é constituidor daquilo que relata, disciplinando o olhar. Isso ajuda a compreender como a mídia pode criar um regime de visibilidade que se exerce à semelhança do modo como o poder disciplinar opera em um Panóptico (GOMES, 2003). Segundo Foucault (1989, p. 165 - 166) o panóptico foi criado por Jeremy Bentham para ser um modelo arquitetural que possui

[...] na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado.

Um modelo arquitetural que serve para, por exemplo, a construção de uma prisão em que o sabe que prisioneiro pode estar sendo observado, o que “[...] implica a não necessidade de ser visto de fato, uma vez incorporado o saber-se observável” (GOMES, 2003, p.63).

Esse edifício funcionaria como um mecanismo que faz “[...] circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até aos próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos [...]” (FOUCAULT, 2015, p.326). Sua ação está centrada nas técnicas disciplinares que induzem “[...] um estado consciente e permanente de

visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 1989, p. 166).

Assim como o panóptico, a mídia pode disciplinar o olhar pelo próprio modo como mostra algo a ser visto. Com textos, fotografias, recursos gráficos, entre outras estratégias, a mídia pode criar, reforçar e disciplinar determinadas condutas, tanto individuais quanto coletivas, produzindo sujeição a partir de formas sutis de ação de poder que, assim como o que se obtém no panóptico, não se utiliza da força para obrigar “[...] o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas (FOUCAULT, 1989, p.167).

Enfim, problematizar os discursos educacionais acionados pela seção QUESTÃO DE ENSINO da Revista Nova Escola significa atentar para as verdades educacionais produzidas com e através da revista e que implicam em ações sutis de poder que constituem professores e professoras, bem como das escolas e dos demais sujeitos escolares.

Portanto, as discussões possibilitadas pela perspectiva de exame dos textos midiáticos aqui apontada servem para ampliar os olhares para os diferentes espaços que estão envolvidos na produção de saberes articulados aos modos como o poder é organizado e disseminado e possibilitando questionar o que é apresentado por diferentes artefatos culturais, em destaque, os midiáticos, como uma “verdade” natural e indiscutível. Trata-se, enfim, de uma abordagem útil para problematizar certos ditos sobre a escola e sobre o/a professor/a.

Neste sentido, os ditos da seção QUESTÃO DE ENSINO enfatizam a constituição de práticas pedagógicas e de subjetividades específicas, eles acionam discursos que colocam “[...] em ação estratégias para seduzir porque identifica suas metas com nossos desejos, anseios e vontades de mudança, de transformação, de eficiência e de afetos” (PARAÍSO, 2006, p. 103-104).

O que é divulgado, veiculado e exaltado pela mídia educativa brasileira (PARAÍSO, 2007), em especial, na revista Nova Escola e particularmente na seção QUESTÃO DE ENSINO, são práticas docentes consideradas estimuladoras, criativas que favorecem o desenvolvimento da autonomia dos/as

estudantes. O que indica que não há um mero acaso no que tem sido apresentado pela mídia relativamente ao trabalho docente. Assim, diferentes artefatos culturais que abordam a educação escolar operam produzindo sentidos, práticas e sujeitos de determinado tipo; despertando o desejo em ter coisas, transformando nossas percepções, modelando e seduzindo os indivíduos (PARAÍSO, 2007).

A análise da seção QUESTÃO DE ENSINO mostrou a sua inserção no discurso pedagógico que se tornou hegemônico e que tem sido amplamente aceito como verdade natural e inquestionável, acionando a contraposição esse discurso e as práticas pedagógicas entendidas como mecânicas, repetitivas e de voltadas para simples memorização.

Essa estratégia de contraposição auxilia a produzir uma interdição dos discursos centrados no ensino e do/a professor/a como alguém que ensina. Pois, explicou Foucault (2014), como o discurso é controlado, selecionado, organizado e redistribuído há uma impossibilidade de se falar de tudo e/ou de qualquer coisa, em qualquer situação. Essa interdição do ensino, por conseguinte, estaria entre as condições que favoreceram que atividades centradas na aprendizagem e as práticas produzidas pelos discursos educacionais contemporâneos passassem a ser aceitas como “verdades”, sem qualquer questionamento.

Há uma forte ênfase ao discurso educacional contemporâneo que posiciona o/a docente como mediador/a do processo de aprendizagem. Ou ainda, a interdição da abordagem tradicional em QUESTÃO DE ENSINO se associa com a produção do/a professor/a como aquele/a que orienta, estimula, organiza o espaço e o tempo, centralizando suas ações no bem estar e evolução dos alunos.

É interessante pensar que relações de poder estão inseridas nos mesmos, um poder sutil, e, suave, que não age de forma pesada e/ou negativa. Mas funciona para produzir sujeito de um determinado tipo. As pedagogias contemporâneas propõem que o/a estudante aprenda por ele mesmo, sem ou com o mínimo de intervenção do/a professor/a. Dessa forma, o posicionamento do/a docente como mediador da aprendizagem está fortemente articulado à colocação do/a aluno/a no centro do processo educativo.

A aprendizagem que ganha destaque nos discursos pedagógicos contemporâneos caracteriza-se por ter uma didática divertida e prazerosa, com metodologias atrativas, criativas e significativas, que não é pesada e restritiva. Uma didática que favorece autonomia e promove a liberdade dos alunos. Porém, tais ações funcionam para gerir, governar e normalizar os sujeitos escolares, remodelando, regulando e controlando a conduta profissional dos professores e a conduta das crianças que frequentam a escola. Essa constante busca de remodelar, regular e controlar a escola e o docente atuam na produção de sujeitos de determinados tipos, normalizando condutas, uma vez que, são produzidos modelos “exemplares” de como ser professor/a e de como deve ser realizado o trabalho docente.

A partir desses argumentos, indico que o estudo da Didática Geral pode ser constituído inserindo em seus objetivos não apenas o que os discursos educacionais mais valorizados mas, também, as problematizações sobre os modos como tais discursos perpassam diferentes instancias sociais e os modos seus efeitos na produção dos sujeitos escolares.

3. Produto Técnico Tecnológico

PLANO DE ENSINO

CURSO	Pedagogia	ANO/SEMESTRE:	
DISCIPLINA:	Didática Geral	TURNO:	
CARGA HORÁRIA:		CRÉDITOS:	
PROFESSOR(A):			

1 EMENTA

O processo de ensino e aprendizagem e suas relações na contemporaneidade. A relação teórico-prática na formação do/a educador/a. Contribuição da pesquisa sobre a mídia para a construção do saber sobre didática. A sala de aula como objeto de análise numa perspectiva pós-estruturalista.

2 HORÁRIO DAS AULAS (conforme disponibilidade)

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar e problematizar a inserção de diferentes perspectivas pedagógicas na educação brasileira a partir dos modos como o ser docente e a atividade docente são discursivamente constituídos pela mídia.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Refletir, interpretar e posicionar-se em relação às diferentes abordagens didáticas que repercutiram na educação brasileira;

Problematizar e dialogar sobre os saberes e ações docentes que ganham destaque na mídia brasileira;

Compreender as relações existentes entre as discussões sobre Educação de cunho pós – estruturalista e a inserção de docentes em diferentes discursos educacionais;

Situar a escola e o processo de ensino e aprendizagem no contexto educacional contemporâneo a partir de artefatos culturais midiáticos em que são tematizados;

4 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade I

A Didática: conceituação e características; Educadores e práticas educacionais que ganham destaques na didática contemporânea

Unidade II

Concepções de ensino e aprendizagem: as diferentes linhas teóricas

As abordagens do processo ensino-aprendizagem, o papel do docente e da docência desenvolvidos pelas teorias tradicionais, críticas e construtivistas.

Unidade III

O Ensino e aprendizagem nas diferentes abordagens educacionais.

A presença da mídia na constituição da formação docente e da docência contemporânea.

Métodos, técnicas, recursos didáticos, dispositivos tecnológicos e artefatos culturais como estratégias para a problematização de discursividades relacionadas com a docência.

5 METODOLOGIA

Aula expositiva dialogada
 Leitura de textos impressos e online
 Utilização de revistas, vídeos, programas televisivos, filmes, etc.
 Produção de textos colaborativos

6 AVALIAÇÃO

ATIVIDADE	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	PESO
Produção individual: artigo	Originalidade, frequência à disciplina, argumentação, pontualidade na entrega	50%
Participação em aula: argumentação e criatividade	Contribuição, envolvimento, senso crítico, pontualidade	20%
Produção coletiva: seminário	Originalidade, profundidade da argumentação, pontualidade na entrega	30%

7 BIBLIOGRAFIA

Bibliografia básica:

FARIAS, Simone. **A seção QUESTÃO DE ENSINO da Revista Nova Escola**: perguntas e respostas produzindo o fazer docente. 2018. 138f. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, 2018.

FARIAS, Simone; BICCA, Angela; BORCHARDT, Andreza. A seção 'Questão de Ensino' da revista Nova Escola focalizando o/a professor/a como um/a mediador. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**. v.15, n.2, p.403-422, mai./jun., 2020.

GAUTHIER, Clermont. Da pedagogia tradicional à pedagogia nova. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (org.). **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 153-177.

LEGENDRE, Marie-François. Jean Piaget e o construtivismo na Educação. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (org.). **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014a. p. 337 – 360.

LEGENDRE, Marie-François. Lev Vygotsky e o socioconstrutivismo na Educação. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (org.). **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014b. p. 361 - 392.

LOCKMANN, Kamila. O discurso pedagógico contemporâneo: restrições, proibições e exaltações. **Revista Comunicações**. Piracicaba, ano 22, n. 1, p. 27 – 20, jan/jun, 2015.

Bibliografia complementar:

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogia críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Desconstruindo o construtivismo pedagógico. **Educação & Realidade**. v. 18, n. 2, p. 3 - 10226, jul/dez, 1993.

TRAVERSINI, Clarice; BALEM, Nair; COSTA, Zuleika. Que discursos pedagógicos escolares são validados por professores ao tratar de metodologias de ensino? In: V Congresso Internacional de Educação: Pedagogias (entre) lugares e saberes. São Leopoldo 2007. **Anais do V Congresso Internacional de Educação: Pedagogias (entre) lugares e saberes**. São Leopoldo. São Leopoldo: UNISINOS, p. 1 – 14, 2007.

TRAVERSINI, Clarice; BUAES, Caroline Stumpf. Como discursos dominantes nos espaços da educação atravessam práticas docentes? **Revista Portuguesa de Educação**, v. 22, n. 2, p. 141-158, 2009.

4. Referências

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. In: 36ª Reunião da ANPED, 2013, Goiânia. **Anais da 36ª Reunião da ANPED**. Goiânia: ANPED, p. 1-15, 2013.

FARIAS, Simone. **A seção QUESTÃO DE ENSINO da Revista Nova Escola**: perguntas e respostas produzindo o fazer docente. 2018. 138f. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, 2018.

FISCHER, Rosa. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, jul/dez, p. 59-80, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; 24 ed. São Paulo; Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2015..

Fundação Victor Civita. Disponível em: < <http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml#prettyPhoto> > Acesso em: 10 fev. 2017.

Fundação Lemann. Disponível em: < ¹

<http://www.fundacaolemann.org.br/quem-somos/> > Acesso em: 10. Fev. 2017.

GIROUX, Henry. McLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (org.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Mayra. **Poder no Jornalismo**. São Paulo: Acker Editores. Edusp, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativabrasileira. Revista Educação & Sociedade, 2006, v. 27, n. 94, p. 91-115.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos, 2007.

Revista Nova Escola; Disponível em: < <https://novaescola.org.br/quem-somos> > Acesso em: 10 fev. 2017.

SILVEIRA, Márcia. Cartuns – mais do que um recurso didático, um texto cultural. In: SILVEIRA, Rosa (org). **Estudos Culturais para professor@s**. Canoas: Editora ULBRA, 2008. p. 99 – 114.

VEIGA-NETO. Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa (org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 37 – 69.

VEIGA-NETO. Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa V; SILVEIRA, Rosa H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan/abr. 2015.